

Expressões e Impressões de uma sala de aula

Expressions and Impressions of a classroom

Brenda Cristina de Oliveira Corrêa¹, Vânia Medeiros Gasparello²

¹ Aluna concluinte do curso de Pedagogia. Bolsista por dois anos do projeto. Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), Brasil. E-mail: b.cristinaoli20@gmail.com.

² Coordenadora do projeto de extensão: Subjetividade e Transformação do adulto no ambiente educativo. Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), Brasil. E-mail: vania.mg@uol.com.br

Recebido em: 24/08/2016 | Aprovado em: 14/04/2017

DOI: 10.12957/interag.2017.28329

Resumo

Este relato tem como finalidade refletir sobre o cotidiano escolar e seus arquétipos, a partir de observações realizadas em uma turma de repetentes do 7º. Ano do ensino fundamental. Os arquétipos atuantes no ambiente educativo são conceitos oriundos da psicologia analítica e podem ser entendidos como maneiras de agir que estão incorporadas aos profissionais do ensino e aos alunos, mas que podem ser transformados.

Abstract

This report aims at pondering about the daily life of schools and their archetypes, through the observation of a class of 7th grade repeating students. Active archetypes in an educational environment are a concept derived from the Analytical Psychology, which can also be understood as ways of acting that are incorporated into education professionals and students, but that can be changed.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar; Psicologia Analítica; Arquétipos do Ensino; Pesquisa-Ação.

Keywords: School's Daily Life; Analytical Psychology, Teaching Archetypes; Action Research.

Área temática: Educação.

Linha de extensão: Metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem.

Introdução

Estou cursando o sexto período do curso de Pedagogia na UERJ-FFP em São Gonçalo e há um ano participo como bolsista de extensão no projeto de pesquisa da professora Dra. Vânia Medeiros Gasparello, cujo tema é: Subjetividade e transformação do adulto no ambiente educativo.

O objetivo do projeto é favorecer a compreensão de que o sujeito adulto está em constante processo de desenvolvimento e transformação, relacionando o conceito de processo de individuação da psicologia analítica com as histórias de vida dos participantes. Dessa forma, as referências teóricas do projeto estão ligadas à psicologia

analítica e à abordagem (auto) biográfica, sendo que trabalhamos com a pesquisa-formação, entendendo que a mesma é uma pesquisa-ação.

No ano de 2015, o projeto aceitou trilhar novos desafios e começou uma parceria com uma Escola Estadual em Itaipu, Niterói, na qual procuramos desenvolver uma pesquisa-ação¹ e investigar os arquétipos de ensino, de professor e de aluno². A intenção era a de refletir sobre os arquétipos de ensino atuantes no ambiente educativo e propor, junto com o grupo, mudanças naquele ambiente escolar.

Arquétipos são sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções. São herdados com a estrutura cerebral e constituem o aspecto psíquico do ser humano. Representam, de um lado, um poderoso conservadorismo instintivo e, por outro, os meios mais eficazes que se pode imaginar de adaptação instintiva. São, pois, essencialmente, a parte crônica da psique, aquela pela qual a psique se liga à natureza³.

Esses sistemas arquetípicos no ensino podem ser de caráter patriarcal, representado pela ordem, hierarquia, rigidez e poder². Existe também o de caráter matriarcal, ligado ao afeto, a ludicidade e a intimidade². Outro arquétipo no ensino é chamado de alteridade, manifestado pela dialética do processo entre o caráter patriarcal e matriarcal, sendo caracterizado pela mutualidade, conjunção e o encontro².

Dessa forma, um dos objetivos principais da participação do grupo de pesquisa na Escola Estadual era de investigar os arquétipos de ensino atuantes neste espaço, para depois propor mudanças significativas junto à escola. Assim, durante oito meses, uma vez por semana, fiz uma observação participante na turma 701 (sexta série), a qual é composta por trinta alunos, todos eles repetentes. Essas observações provocaram em mim algumas reflexões sobre o que penso ser a educação e sobre como as ações no ambiente educativo podem ser reflexos de experiências e memórias daqueles que a compõem. Seguem algumas das mesmas ao longo do texto.

Ausência de sentido do que é estudado

Algo que chamou muito minha atenção foi a falta de interesse e prazer dos alunos em sala de aula. Fiquei me interrogando o porquê disso, o porquê da inquietação em sair logo de sala, o porquê da falta de participação, o porquê de trinta alunos não conseguirem passar de série. Talvez seja a ausência de sentido do que é estudado.

Refleti então sobre os conteúdos que eram trabalhados em sala, nos quais muitos deles não faziam sentido para eles e nem para a sua realidade. Por que nas escolas o ensinado não vai colado à vida². Então aquilo que não faz sentido é logo esquecido e ignorado. Percebi que esse tem sido o sentimento de muitos alunos dessa turma: não têm interesse em aprender algo que não sabem ou não entendem a sua funcionalidade e/ou importância.

Penso que a escola precisa ser um lugar carregado de sentidos e significados. Lugar no qual permeiam o prazer, o interesse, a participação e o diálogo, características de um ensino relacionado ao arquétipo de alteridade. Os conteúdos, mesmo que pragmáticos, precisam ser próximos ao que os alunos vivem e devem partir do conhecimento prévio que os mesmos carregam.

A desesperança dos alunos e professores

Observei que os alunos da escola em questão, talvez por serem repetentes, manifestam diferentes expressões de desesperança em seus rostos.

Crer que algo pode mudar quando não se enxerga mais saída é um desafio, e parece que esses alunos os enfrentam todos os dias. Expressões e falas dos alunos me permitiram notar que conseguir passar para outra etapa, ter sucesso, já não são linguagens que fazem parte da realidade vislumbrada pelos alunos.

Percebi muitos deles sentados em suas carteiras com a mão no queixo, olhando para o livro didático sem saber o que fazer e de cabeça baixa. Em alguns momentos uns

dormiam, ficavam de braços cruzados ou jogando bolas de papel. Parece, então, uma sala sem atrativos.

Se acontece desinteresse por parte de um aluno, a escola está doente, está doente o aluno, ou estão ambos enfermos⁴. E, ainda para compor esse doente cenário, falas proferidas pela equipe da escola confirmam mais esse sentimento: - “Vocês não eram nem para estarem aqui”; “Vou reprovar metade”; “Vocês não têm educação”. Na minha compreensão, essas falas podem contribuir ou piorar a baixa autoestima desses alunos.

Analisei essas palavras e percebi o quanto são carregadas de sentidos, ativando visões de presente e de futuro na vida dos alunos. Tornou-se claro, então, a manifestação do arquétipo patriarcal, que tem como características o poder e a autoridade na imagem do professor. Mas, diante desse quadro rígido, me pergunto qual presente e futuro estão sendo ativados na vida desses alunos?

Promover um espaço de novas descobertas, reflexões sobre o que se deseja alcançar e perguntas sobre como chegar lá, podem ajudar esses alunos a acreditarem em si e no que são capazes de conseguir. Não ver solução é se entregar ao estado presente, e muitos dos alunos dessa escola estão quase se entregando. Quando tive oportunidade, conversei com alguns. Um aluno deixou claro em sua fala que não iria passar nas matérias de novo. Disse a ele que isso poderia mudar se ele tentasse.

No primeiro momento, esse aluno se mostrou frio a minha colocação, mas posteriormente percebi que o seu interesse por mudanças começou a surgir. Senti que ele só precisava de palavras de incentivo e um olhar atento.

Em meio a essas diversas expressões de comportamentos, alunos desacreditados e professores também, a indagação que fica é: como será daqui pra frente?

Aluno: por que não respeitar a sua voz?

Em certo momento nesta classe, enquanto a professora explicava sobre um trabalho que os alunos iriam desenvolver, surge o assunto sobre o lugar onde moram. Grande parte da turma mora nas comunidades do bairro de Itaipu, Niterói, onde a escola se localiza.

Porém, durante essa aula, um aluno fala para o outro que a comunidade na qual ele mora está muito violenta. A turma toda começa a contribuir com uma informação sobre essa realidade. Mas, imediatamente, a professora levanta a sua voz de autoridade e exclama que não quer saber disso, nem sobre onde moram, pois estava preocupada com o conteúdo do trabalho avaliativo que iria passar.

Tornou-se claro que o arquétipo patriarcal permeava esta sala de aula, vozes de poder, ameaças, situação de hierarquização rodeavam essa turma. Arquétipo esse que aos poucos adoce o corpo docente e conseqüentemente os educandos. Percebo então que o arquétipo matriarcal no qual permeia o afeto, a sensibilidade ao outro está ausente no ambiente educativo.

O caso é que muitos dos métodos não levam em conta a diversidade dos destinatários finais, os alunos³. A necessidade dos alunos naquele momento da aula era falar sobre a violência na região, sobre como isso influencia na escola, sobre os perigos e riscos de viver uma vida assim. Acredito que mediar o ensino partindo dessas necessidades e diversidades tornará o ensino mais significativo e prazeroso para o aluno.

No entanto, quando um novo semestre se iniciou na escola, vieram algumas surpresas. Um novo professor de Matemática ingressou no quadro de professores. Comecei a sentir que o arquétipo de alteridade estava surgindo nesta sala de aula.

Muita inteligência existencial e sensibilidade são necessárias para o professor detectar aquelas situações raras, mas as mais criativas, nas quais o estudante é também um professor, e o professor, é também um estudante, isto é, quando aluno e professor, embora opostos, tornam-se iguais².

Esse novo professor parece acreditar que os alunos da turma 701 são realmente os sujeitos do currículo e que eles também podem ensinar. Um novo cenário surge então nesta sala. A linguagem empregada começava a fazer sentido para eles: em alguns momentos o modo como o conteúdo era trabalhado se tornou concreto e a relação professor-aluno recebeu um caráter proximal.

Alguns alunos começaram a participar mais da aula, a perceber um erro de Português no conteúdo exposto na lousa e a chamar o professor à carteira a fim de tirar dúvidas sobre o mesmo. Uma nova sala de aula parece estar sendo construída. Fico feliz por esse avanço, pois percebi o quanto esses alunos, mesmo que repetentes, poderiam ensinar.

Durante esse período que acompanhei a turma 701, fui confrontada com o que penso ser a instituição escolar, sobre que profissional quero ser e sobre como minhas ações podem influenciar o outro.

No meu último dia com eles, pedi para que permanecessem na sala quando a última aula acabasse. Pensei que alguns iriam embora, mas não, todos ficaram, e até o aluno que estava fora de sala entrou nesse momento. Fui à frente da sala e comecei a falar sobre sonhos, sobre o que desejavam para o futuro, tanto no campo profissional quanto no pessoal e sobre o que eles poderiam conseguir se lutassem.

Eles me olharam surpresos e atentos, foi um tempo no qual percebi que o que eles mais precisavam e queriam era um pouco de atenção.

Fui embora neste dia, refletindo em tudo o que essa turma me ensinou. E o quanto a escola, o ensino, os métodos ainda precisam passar por mudanças.

A experiência nessa escola marcou minha trajetória como profissional da Educação. Percebi o quanto o sistema é carregado por arquétipos de poder e ausência de afeto.

O tempo em que estive com essa turma me ensinou a olhar o outro além do que ele aparenta. A resgatar o arquétipo matriarcal sem perder o controle da turma, promover estudos que façam sentido ao aluno e sua realidade. É pensar a educação como uma ponte que liga o sujeito aluno e um mundo novo de conhecimento.

Espero um dia poder retornar a essa nova turma que pude presenciar começando.

Referências

1. BARBIER, René. A Pesquisa-Ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002. 159 p.
2. BYINGTON, Carlos. A construção amorosa do saber: O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Religare, 2003. 367 p.
3. SAIANI, Cláudio. Jung e a Educação: Uma análise da relação professor-aluno. 2ed. São Paulo: Escrituras, 2002. 212 p. (Coleção Ensaio Transversais)
4. ALVES, Rubens. A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir. 4.ed. São Paulo: Papyrus, 2002. 120 p.